



A SEMENTEIRA: O JARDIM EXTRA NATURAL DE GISELLE BEIGUELMAN

ISABELA PRADO*

Inteligência artificial é um dos grandes temas da contemporaneidade. Sua presença se manifesta em inúmeros campos e as consequências de sua expansão são imensuráveis e ainda não suficientemente compreendidas. Como um fenômeno social, a inteligência artificial reflete em boa medida os valores e ideologias característicos dos nossos tempos. Explorar esse tema tão vasto e tão atual é o desafio a que se dedica este número da Revista da UFMG. O ensaio visual que aqui se apresenta busca então contribuir para essa reflexão, de forma poética, considerando a abertura necessária ao se abordar um tema de tal relevância e abrangência.

Como em tantos outros campos, a inteligência artificial também se faz presente na produção artística. Mais do que uma mera ferramenta de geração de imagens ou outras formas de arte a partir do uso de algoritmos, a inserção da IA no campo das artes traz consigo todo um conjunto de implicações e questionamentos éticos, estéticos, processuais e mercadológicos.

A artista convidada para esta edição é Giselle Beiguelman, artista, pesquisadora e professora. O diálogo entre arte e tecnologia é tema longamente explorado em seus trabalhos, por meio dos quais Beiguelman reflete de forma crítica e inovadora sobre as relações entre estética e política, entre tecnologia e geração de imagens, entre cultura e sociedade. No que se refere ao uso de ferramentas de IA no campo das artes, Beiguelman é uma importante referência no cenário nacional e internacional. Seu trabalho instiga a reflexão em torno importantes questões políticas e sociais, tendo a IA como instrumento e como conceito.

* Artista visual e professora na Escola de Belas Artes da UFMG

Para este número da revista, foram selecionadas obras que compõem o corpo de trabalhos *Botannica Tirannica*, apresentada em museus no Brasil e no exterior. Neste caso, Beiguelman pesquisa centenas de espécies de plantas com nomes que denotam preconceito – machistas, racistas e antissemitas – e revela como a taxonomia botânica reflete uma visão de mundo preconceituosa e colonizadora, reproduzida pelos sistemas da Inteligência Artificial.

Flora Rebellis é uma série de vídeos produzidos com IA a partir de conjuntos de dados de plantas com nomes ofensivos e preconceituosos em relação a mulheres, negros, indígenas, judeus e “ciganos”. Fazendo um contraponto ao princípio da eugenia – que buscava identificar “padrões” entre inúmeros indivíduos de determinado grupo social – Beiguelman usa a Inteligência Artificial para procurar padrões internos entre as diferentes plantas dentro da mesma categoria (mulheres, negros, ciganos, etc.), mas impede o programa de chegar a um resultado uniforme, rebelando-se contra as suas próprias regras de funcionamento e criando “extra-naturezas”.

Venenosas, por sua vez, é uma série em que imagens são criadas por IA – com o uso da conversão de texto em imagem e de imagem em imagem – a partir da combinação de plantas ditas “carnívoras” com mandrágoras e beladonas. “*O foco está nas plantas proibidas pelo processo ‘civilizador’ colonial devido ao seu uso em rituais sagrados e poderes alucinógenos e afrodisíacos, contradizendo o cânone do ser humano ideal moral e fisicamente superior (homem europeu branco)*” (Beiguelman, 2023, p. 10, tradução livre).

O projeto *Venenosas* também é o foco do texto introdutório que Giselle Beiguelman apresenta para este número da revista. Este trabalho toma como referência mulheres apagadas da História da Arte e da Ciência. Ao identificar uma associação entre certas espécies de plantas, em sua maioria insetívoras, e ao papel das mulheres na sociedade, Beiguelman aponta para (e questiona) certos estereótipos sobre a feminilidade.

A introdução da inteligência artificial em várias áreas e vários contextos da vida social representa uma revolução cujas consequências ainda não foram totalmente exploradas. O campo das artes se apresenta como um local em que a IA também se faz presente de forma crescente, e ao mesmo tempo em que se constitui como um campo que propõe uma reflexão crítica sobre o uso das ferramentas de IA e seus impactos. Com trabalhos que utilizam a IA como instrumento para tratar de temas como colonialismo e misoginia, Giselle Beiguelman contribui de forma sensível para a investigação proposta neste número da Revista da UFMG.



Giselle Beiguelman, Carnívoras, Nocivas e Suspeitas, 2024. Imagens geradas com Inteligência Artificial (LLM), 50 cm x 50 cm



MÁQUINAS DE PRODUZIR EXTRA-NATUREZAS:

inteligência artificial e subversão botânica

GISELLE BEIGUELMAN*

As tecnologias de inteligência artificial (IA) têm desempenhado papéis controversos. Por um lado, contribuem para a padronização e o controle social. Por outro lado, permitem desafiar os processos normativos, apontando para as potencialidades de uma “extra-natureza”, por meio de novas interlocuções entre humanos e máquinas, temas que explorei em algumas publicações recentes.

No momento, me dedico à exploração de modelos de inteligência artificial que utilizam linguagem natural para gerar imagens a partir de textos e transformar imagens em um dinâmico processo de tradução quase intersemiótica. As obras visuais apresentadas neste ensaio foram criadas com esse tipo de tecnologia, através de dois métodos complementares: conversão de texto em imagem e de imagem em imagem.

Elas são parte de um projeto em desenvolvimento, intitulado Venenosas, sobre plantas proibidas que foram proibidas ou demonizadas pelo colonialismo, que desenho com IA, tendo como referência mulheres apagadas da História da Arte e da Ciên-

* Giselle Beiguelman é artista e professora da FAU-USP. É autora de Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera (UBU Editora, 2021) e Memória da amnésia: políticas do esquecimento (Edições Sesc, 2019), entre outros. Suas obras artísticas integram acervos de museus no Brasil e no exterior, como ZKM (Alemanha), Jewish Museum Berlin, MAC-USP e Pinacoteca de São Paulo. Em seus projetos recentes investiga a construção do imaginário colonialista das artes e das ciências com recursos de Inteligência Artificial. É coordenadora do Projeto Temático Fapesp Acervos Digitais e Pesquisa: arte, arquitetura, design e tecnologia. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais. Site pessoal: <https://www.desvirtual.com/>

cia. O título provém de um livro do século XIX, publicado pela Sociedade Científica Cristã da Inglaterra (*Poisonous, Noxious, and Suspicious*). As razões das interdições dessas plantas variam muito, cobrindo um arco que vai do seu emprego em práticas rituais, suas funções afrodisíacas e sua difícil apreensão pelo imaginário rígido da taxonomia clássica, como as plantas ditas carnívoras.

Essas plantas, em sua grande maioria insetívoras e não carnívoras, têm intrigado o público por séculos, devido à sua peculiaridade em obter nutrientes. Ao invés de dependerem principalmente da fotossíntese, elas capturam e digerem pequenos animais, geralmente insetos, para suprir suas necessidades, muitas vezes em solos pobres em minerais. Entre as mais conhecidas estão as chamadas de armadilha de Vênus (*Dionaea muscipula*).

Seu nome científico faz referência a Dione, deusa das ninfas. Já o seu nome comum refere-se à deusa romana do amor e da beleza, Vênus, associando a planta tanto com a sensualidade quanto com a perigosidade — uma duplicidade que muitas vezes é imposta ao corpo feminino na literatura, na arte e nos meios de comunicação. A boca aberta da planta, que se fecha rapidamente sobre sua presa, foi frequentemente comparada a imagens de sedução e de perigo, evocando a “femme fatale”, uma figura que usa sua atratividade para enganar e prender.

No século XIX, a era vitoriana forneceu terreno fértil para essa associação devido à sua atitude ambivalente em relação à sexualidade e ao papel das mulheres na sociedade. A planta carnívora, com suas formas sugestivas e método de nutrição ativo - considerado quase “predatório” - tornou-se uma metáfora para a preocupação vitoriana com a repressão e o desejo.

Essa associação também pode ser vista na arte e na cultura pop, na qual as plantas carnívoras são às vezes representadas como sedutoras e perigosas, refletindo e perpetuando estereótipos sobre a feminilidade. Filmes, como *A pequena loja dos horrores* (1986) e *O Senhor dos Anéis* (2001), e até alguns Pokémons, evocam imagens de uma “natureza consumidora” que está alinhada com arquétipos da suposta destrutividade das carnívoras.

No ensaio visual que apresento aqui, as carnívoras são o resultado do cruzamento de plantas ditas “carnívoras” com mandrágoras e belladonnas. São plantas que povoam os mais incríveis temores da cultura ocidental. Cercadas de preconceitos, assombam

pela sua beleza e são recorrentemente associadas à mulher e seus fictícios poderes de enfeitiçamento, captura e morte. Foram feitas com IA a partir de referências de várias mulheres botanistas que, no seu tempo, nunca foram reconhecidas, como Berthe Hoola van Noten (1817-1892), Sarah Anne Drake (1803-1857), que ilustrou o maravilhoso *Orchidaceae of Mexico and Guatemala* (1837-1843), de James Batemane, e Eliza e Sarah Maund, que ilustraram o fantástico *The Botanist* (1825-1846), de seu pai, Benjamin Maund.

Nestas imagens, busco não apenas resgatar essas mulheres e seu trabalho esquecidas, mas também provocar uma reflexão crítica sobre como interpretamos e interagimos com a natureza. Ao transformar digitalmente plantas historicamente marginalizadas em entidades visuais complexas, busco revelar camadas de significado que se acumularam em torno delas ao longo dos séculos. O objetivo é desconstruir os mitos e preconceitos enraizados que ainda hoje influenciam nossa percepção do mundo e da tecnologia.



Na edição 30.1 - Inteligência Artificial, a curadoria artística traz os trabalhos de Giselle Beiguelman, artista e professora da FAU-USP.

Giselle é autora de Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera (UBU Editora, 2021) e Memória da amnésia: políticas do esquecimento (Edições Sesc, 2019), entre outros. Suas obras artísticas integram acervos de museus no Brasil e no exterior, como ZKM (Alemanha), Jewish Museum Berlin, MAC-USP e Pinacoteca de São Paulo. Em seus projetos recentes investiga a construção do imaginário colonialista das artes e das ciências com recursos de Inteligência Artificial. É coordenadora do Projeto Temático Fapesp Acervos Digitais e Pesquisa: arte, arquitetura, design e tecnologia. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais. Site pessoal: <https://www.desvirtual.com/>

As "Carnívoras", da série "Venenosas, Nocivas e Suspeitas", de 2024, abrem cada artigo. Ao fim de cada um deles, são apresentados frames dos vídeos da série "Flora Rebellis", que podem ser acessados clicando nas imagens à direita da página.

■ Giselle Beiguelman, frames do vídeo generativo da série Flora Rebellis, versão 2024.
Imagens geradas com Inteligência Artificial (Style Gans)

■ [Acesse o vídeo clicando na imagem](#)





